

CULTURA  
CINEMA

## Morar na filosofia

Depois de *Os Lisboaetas*, Sérgio Tréfaut viajou até outras latitudes, não tão sombrias como se poderia supor: um lugar de morte cheio de vida, no Cairo

POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO



**F**oram cinco anos, oito viagens ao Cairo, meses seguidos a viver na cidade egípcia, lições de árabe, muitos obstáculos, muitos pedidos oficiais rejeitados, muita burocracia de repartição, muitos «dou you have a permit?», muitas boas intenções goradas, um passo à frente e logo dois atrás... E, finalmente, a decisão de filmar clandestinamente a maior necrópole do mundo, onde as moradas dos defuntos são também habitadas por vivos. Ao rodar o documentário *A Cidade dos Mortos* (estrea-se hoje, 14), que conquistou o grande prémio Documenta Madrid 2010, e passou por mais de uma dezena de festivais internacionais, Sérgio Tréfaut pensou em desistir, parecia-lhe «um filme amaldiçoado». Afinal, uma superstição que não existe entre o milhão de habitantes daquele cemitério, que se encheu de famílias, e escolas, e mercados, e cafés, e disputas entre vizinhos, e teatros de fantoches, e namoros, e casamentos, e música, e crianças que jogam à bola, usando jazigos como balizas... E vida, em suma.

**Estrear o seu filme nesta altura faz um estranho *raccord* com a revolução egípcia e a denúncia internacional da ditadura de Mubarak. Sentiu a opressão do regime?**

Sim. O filme foi todo ele rodado clandestinamente, à margem das autoridades oficiais, que recusaram todos os pedidos de autorização. O Estado não estava interessado em que se filmassem as condições sociais no Cairo, nem nada que não fosse turístico ou pirâmides. Esta cidade-cemitério é um assunto tabu, no Egito. Espero que um novo regime democrático não tenha tantos preconceitos em relação àquele lugar.

**Mas, afinal, o que filmou tem mais de alegria do que de miserável...**

Pois, faz-se uma ideia falsa do cemitério como um lugar negativo e carregado de culpabilidade. Qualquer subúrbio do Cairo tem muito pior qualidade de vida do que aquela que eu encontrei ali. O próprio interior do Cairo é muito mais poluído. E, pelo menos ali, há eletricidade e água corrente. Na realidade, o cemitério é um local muito mais agradável para se viver...

**Mas não deixa de ser um sítio de dor e de luto...**

Sim, mas eu não sou um jornalista de crime nem um vendedor de sangue. Para mim é inconcebível pedir autorização para filmar um enterro ou fazê-lo às escondidas. A certa altura, levantaram umas pedras e mostraram-nos uns fetos. Mandeí logo desligar a câmara. Esse tipo de coisas não me interessava nada.

**O que lhe interessava, então?**

Precisamente o contrário. Devolver a

dignidade e a vitalidade àquela gente. Apenas quis abordar a normalidade do quotidiano...


**A normalidade dentro de um contexto anormal?**

A partir dos anos 60, registou-se um êxodo rural muito acentuado e as populações começaram a ocupar os túmulos. Alguns são alugados pelas próprias famílias dos mortos. Sobre estes habitantes recai um forte preconceito, há muita gente que não ousa sequer lá entrar. Eu orgulho-me de conhecer melhor o cemitério do que muitos egípcios. E o grande mistério é o amor que aquelas pessoas têm por aquele lugar.

**Desenvolveram uma relação especial com a morte?**

Sim, essa relação também me interessava filmar. Dantes, morria-se em casa. Também nós tínhamos proximidade com a morte. Agora, temos tendência para afastar os nossos medos. Fazemos de conta que a morte é um conceito, não lhe sentimos a presença física. E esvaziar a nossa vida desses medos não nos fortalece necessariamente. Há um versículo do Corão que toda a gente sabe de cor, que diz «A verdade só a descobrirás dentro do cemitério»...

**O filme começa e acaba com um avô a ensinar versículos do Corão à neta...**

Foi uma das coisas que mais me fascinaram. Nunca conheci nenhum povo com uma relação tão lúdica com as crianças. Não apenas as mulheres, mas os pais e os avós andam sempre com as crianças, são muito brincalhões e divertidos. Elas brincam no cemitério, à solta, mas muito vigiadas. Parecem, realmente, felizes. 



**'Esta cidade-cemitério é um assunto tabu, no Egito'**